

# Cenas brasileiras



**PARA GOSTAR DE LER 17**

# Cenas brasileiras

---

RACHEL DE QUEIROZ

---

Este livro apresenta os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

*Cenas Brasileiras*

© Rachel de Queiroz, 1994

Diretor editorial adjunto  
Editora adjunta  
Coordenadora de revisão  
Revisão  
Colaboração na redação dos textos

*Fernando Paixão  
Carmen Lucia Campos  
Ivany Picasso Batista  
Camila Zanon  
Malu Rangel*

ARTE

Capa  
Editora  
Editor assistente  
Ilustrações internas  
Editoração eletrônica

*Paulo Cesar Pereira dos Santos  
Suzana Laub  
Antonio Paulos  
N. Reis  
Studio 3 Desenvolvimento Editorial  
Eduardo Rodrigues  
César Wolf  
Jiro Takahashi*

Edição eletrônica de imagens  
Criação do projeto original da coleção

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q47c  
9.ed.

Queiroz, Rachel de, 1910-2003

Cenas brasileiras / Rachel de Queiroz ; ilustrações N. Reis. - 9.ed.

Rio de Janeiro : Ática, 2002.

128p. : il. -(Para gostar de ler)

ISBN 978 85 08 08320-6

1. Crônica brasileira. I. Título. II. Série.

09-0047.

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

ISBN 978 85 08 08320-6 (aluno)

ISBN 978 85 08 08321-3 (professor)

CAE: 219065 - AL

2014

9ª edição

10ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

.....

<b>As crônicas revelam minha biografia.....</b>	<b>7</b>
Mationã.....	11
Seca.....	16
Mimiro.....	20
História.....	25
O viajante.....	29
Um punhado de farinha.....	34
Amor.....	37
Os filhos que eu nunca tive.....	40
Neuma.....	46
Simple história do amolador de facas e tesouras.....	50
Bogun.....	54
Quaresma.....	57
História da velha Matilde.....	61
Crime perfeito.....	64
Conversa de menino.....	68
O barco.....	72
Metonímia, ou a vingança do enganado (drama em três quadros).....	75
Um caso obscuro.....	84
Amor à primeira vista.....	89
O padrezinho santo.....	92
Conto.....	96
Menino pequeno.....	103
História alegre.....	107
O menino que morreu duas vezes.....	111
A árvore da ciência.....	118
<b>Conhecendo a autora.....</b>	<b>123</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>127</b>



# As crônicas revelam minha biografia

*Rachel de Queiroz*

Eis aí um punhado de crônicas — gênero literário que quase se poderia dizer que é peculiar à literatura brasileira. Pelo menos, é voz geral que a crônica, tal como a fazemos aqui, é realmente coisa nossa.

Sou uma contumaz usuária do gênero, só na “Última página” da revista *O Cruzeiro* fiz crônicas durante trinta anos cravados: do início de 1945 até quando a revista fechou, em 1975.

Será talvez a crônica o gênero literário mais confessional do mundo. Pois o cronista, quase invariavelmente, tira o tema dos comentários que faz do seu próprio cotidiano, ou do assunto do dia no país, na cidade, no seu bairro. Até da sua casa, da sua estante de livros. Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever minhas memórias, a resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser me saber a biografia, leia as minhas crônicas. Pela data e o local de cada uma, já há uma informação. E tudo que comento, que canto e que exploro, foi tirado de meu dia a dia:

o menino que me trouxe uma flor, o espetáculo de teatro a que assisti, as memórias de infância, as lembranças e apelos do Ceará, sempre me cantando no sangue. E os fatos políticos, já que sou essencialmente um animal político, sempre me interessam apaixonadamente por tudo que acontece nessa área, seja na minha província, no meu município, no país ou no resto do mundo.

Também os sentimentos, angústias e esperanças, alvoroços de coração, saudades, perdas, promessas, e alegrias, tudo isso aparece na crônica, aberta ou disfarçadamente — compete ao leitor inteligente desvendar nas entrelinhas. Ou constatar na frase aberta.

Nos romances, claro que a gente se desvenda também. Mas há sempre a figura do personagem a mascarar a face do autor e, se na criação romanesca você também pode contar tudo, ou quase tudo, a variedade dos personagens estabelece a necessária confusão, e quase nunca o leitor vai saber se você se retratou na rapariga insolente e predadora, na velha amargurada de más lembranças ou, até mesmo, no personagem masculino que, apesar disso, tem tanto de sua alma. Afinal de contas, alma não tem sexo, dizem os que entendem dessas coisas do outro mundo.

Leiam pois este punhado de crônicas e vão desculpando. O leitor é que assume, realmente, o nosso juízo final.



# Cenas brasileiras



# Mationã



**E**le chegou num avião da FAB, mandado pelos rapazes da Proteção aos Índios, numa derradeira tentativa de salvação. É um dos pouquíssimos remanescentes de uma tribo que se acaba — fala-se em meia dúzia de indivíduos — os turumais.

Mationã, o índio, tem uns oito anos; parecia um bichinho moribundo quando o vi pela primeira vez, deitado num leito branco, de uma magreza espantosa, o olhar vidrado, comatoso, um gemido monocórdio lhe saindo da boca chagada de febre, a mãozinha seca feito uma garra de pássaro abrindo-se e fechando no ritmo do gemido. Segurei-lhe a mão e ele cerrou com força os meus dedos. Gemeu mais alto. Sei que saí dali chorando.

No dia seguinte passávamos pelo hospital, vimos luz no necrotério. O doutor ao meu lado calculou que seria o índio. Mas não era. Semana atrás de semana, parecia ainda que seria ele o ocupante da sinistra capelinha; nunca se viu um ataque tão violento de febre maligna num corpinho tão débil. Mas terá sido o interesse apaixonado dos médicos, o carinho das enfermeiras, o hospital inteiro que rodeava a cama do indiozinho como a de um filho predileto? Parecia uma aposta com a morte. E a morte acabou perdendo. Foi-se a febre, foi-se a caquexia — só restaram as escaras enormes, que quase o levam. Verdade que ele ajudava, meu Deus, como ajudava. Ainda imóvel na cama, tomando soro

(era a terceira visita que lhe fiz), de repente abriu os olhos, pôs-se a chorar. A princípio só berreiro, mas logo se entendeu o que ele queria:

— Rapadura! Rapadura!

Rapadura era impossível, claro. O doutor sugeriu banana. Mationã imediatamente concordou:

— Banana, banana!

Pensei que fosse delírio da febre, mas qual! Mal chegou a banana, ele, assim mesmo de borco, por causa das escaras, arrebatou a fruta como um macaquinho e em três dentadas a devorou.

E eu, que ao vê-lo ali, cobrando consciência na cama de hospital, cercado de estranhos, atado para não arrancar a agulha das transfusões, imaginara o pavor que ele sentiria, o terror ante aqueles homens e mulheres de branco que só se aproximavam para o furar, apalpar, judiar — que medo imenso deveria apertar o seu coraçãozinho selvagem!

Sim, talvez ele atravessasse essa fase de medo. Mas se a teve, foi curta. Porque hoje não há neste mundo sujeito mais feliz, mais amado, mais eufórico, mais rico, mais contador de lorotas, mais saliente e bem-humorado do que Mationã, o indiozinho turumai. Pelo hospital inteiro ostentando um cocar de penas de galo que lhe fez uma enfermeira, passeia de pijama e sapatos china-pau. Adora dar bom-dia e apertar mãos. Come como uma impingem. Armazena uma verdadeira despensa no criado-mudo. Tem um arco que lhe fez um doutor e a flecha prudentemente é uma longa pena: se fosse coisa mais dura daria em desastre, pois a pontaria de Mationã é mortal. A cama vizinha à sua, na enfermaria, parece um bazar de brinquedos. Todo o mundo no hospital lhe traz presentes. E ele, bom príncipe, distribui uniformemente os “obrigado” e os sorrisos. Aprendeu a cantar e adora rádio. Engordou que ninguém o reconhece. Exigiu que lhe cortem o cabelo à moda da sua terra, em cuia de frade. Estoiço até ali. As escaras, ainda cobertas de curativos, devem

